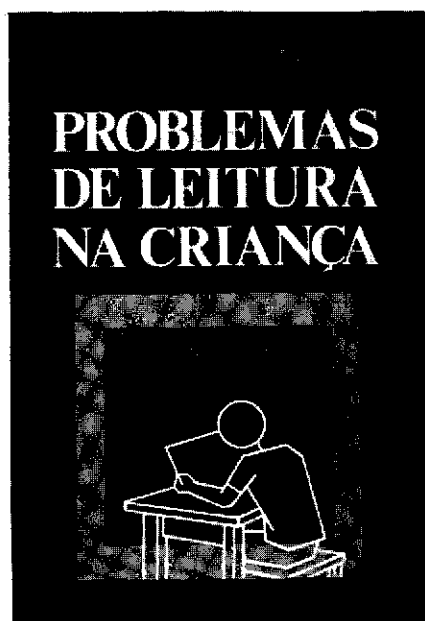


# PROBLEMAS DE LEITURA NA CRIANÇA,

de Peter Bryant e Lynette Bradley



BRYANT, Peter e BRADLEY, Lynette. *Problemas de leitura na criança*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1987. 140 p.

O livro examina os problemas de crianças que apresentam atraso na leitura e que são, em geral, crianças inteligentes e alertas, cujos problemas tampouco podem ser atribuídos a dificuldades emocionais. Como descrevo a seguir, o livro representa uma importante contribuição, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático.

Duas questões de natureza teórica são examinadas ao longo dos primeiros capítulos. Em primeiro lugar, Bryant e Bradley examinam os fatores responsáveis pelos problemas das crianças com atraso na leitura. Em segundo lugar, os autores examinam se os fatores que impedem o progresso dessas crianças são os mesmos fatores que determinam o grau e sucesso na aprendizagem da leitura pelo restante da população. Vejamos, a princípio, a sua resposta à primeira questão.

Bryant e Bradley apresentam uma descrição muito mais concisa dos fatores que contribuem para os problemas das crianças com atraso na leitura do que a maioria dos textos sobre dificuldades nessa área. A razão para essa discrepância é que, em geral, esses textos baseiam sua descrição em estudos inadequados do ponto de vista metodológico. Como Bryant e Bradley observam, a maioria dos estudos na área compara crianças com atraso na leitura e leitores normais da mesma idade cronológica e do mesmo nível de desenvolvimento intelectual em relação à habilidade específica que se acredita ser a causa dos problemas de leitura e escrita.

Com base em estudos desse tipo, uma variedade de déficits (por exemplo, déficits perceptivos visuais e/ou auditivos, déficits lingüísticos, déficits de memória, déficits conceituais, etc.) tem sido postulada para as crianças com atraso na leitura. Como Bryant e Bradley argumentam, no entanto, um problema com esse tipo de estudos é que as deficiências de leitura não têm ape-

nas causas; elas também têm conseqüências.

Uma vez que esses estudos não controlam o nível de leitura das crianças com atraso na leitura e das crianças que lêem normalmente, é possível que as diferenças encontradas entre os dois grupos sejam um reflexo da diferença no seu nível de leitura. Em outras palavras, é possível que as diferenças encontradas entre as crianças com atraso na leitura e os leitores normais sejam a conseqüência, e não a causa, dos problemas apresentados pelo primeiro grupo de crianças.

A maioria dos déficits perceptivos, lingüísticos e conceituais freqüentemente atribuídos àquelas crianças é, portanto, rejeitada por Bryant e Bradley. De acordo com os autores, quando se examina a literatura criticamente somente encontramos evidência conclusiva para um tipo de déficit: as crianças com atraso na leitura apresentam dificuldades com sons. Relativamente a leitores normais do mesmo nível de leitura, elas apresentam dificuldades para isolar sons, agrupar sons para formar palavras, classificar palavras de acordo com o som inicial ou final, etc. É provável que essas dificuldades determinem seus problemas de leitura e escrita.

Como Bryant e Bradley observam, os sistemas alfabéticos baseiam-se na análise das palavras em pequenos segmentos de som – os fonemas – e na representação desses sons através de letras ou grafemas. A aprendizagem desses sistemas pressupõe, portanto, a consciência dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos.

Os erros apresentados pelas crianças com atraso na leitura sugerem, de fato, uma dificuldade com sons. Segundo Bryant e Bradley, relativamente a leitores normais do mesmo nível de leitura essas crianças apresentam uma dificuldade acentuada na leitura de palavras sem sentido. E, embora ambos os grupos apresentem mais facilidade na leitura de palavras regulares (que podem ser lidas fonologicamente) do que na leitura de palavras irregulares (que não podem ser lidas fonologicamente), as palavras regulares apresentam menos dificuldades para os leitores normais do que para as crianças com atraso na leitura. Ambos os resultados sugerem que, ao contrário dos leitores normais, as crianças com atraso na leitura não fazem pleno uso do código alfabético, isto é, da correspondência fonema-grafema.

Após argumentar convincentemente que a dificuldade com sons parece contribuir para os problemas das crianças com atraso na leitura, os autores voltam-se para a segunda questão. Ou seja, eles indagam se a consciência fonológica é uma habilidade importante para a aprendizagem da leitura por qualquer criança, ou se ela é importante apenas para as crianças com atraso na leitura. Bryant e Bradley examinam tanto os resultados de estudos em que a consciência fonológica, medida anteriormente à aprendizagem da leitura, é correlacionada com o desempenho posterior em leitura, como os resultados de estudos que procuram determinar o impacto do treinamento da consciência fonológica sobre o desempenho posterior em leitura. Ambos os tipos de estudos sugerem que a consciência fonológica é uma habilidade importante para todas as crianças. Em outras palavras, quanto maior a consciência fonológica da criança, maior a sua facilidade em aprender a correspondência fonema-grafema, isto é, maior a sua facilidade para aprender a ler.

Bryant e Bradley não rejeitam apenas a maioria dos déficits comumente atribuídos às crianças com atraso na leitura. Embora eles admitam que nem todas as crianças com atraso na leitura apresentam dificuldades com sons, eles rejeitam a hipótese de tipos diferentes de dificuldades de leitura. Tal hipótese baseia-se em estudos que mostram diferenças entre crianças com problemas de leitura e escrita. Segundo

os autores, no entanto, quando se toma o cuidado de controlar o nível de leitura de crianças com atraso na leitura e crianças que lêem normalmente, as mesmas diferenças são observadas entre leitores normais, não podendo, portanto, ser usadas para definir tipos diferentes de dificuldades de leitura.

Segundo Bryant e Bradley, nem todos os fatores que contribuem para os problemas das crianças com atraso na leitura podem ser descritos em termos de déficits em habilidades básicas, necessárias para a aprendizagem da leitura. Sua própria pesquisa sugere, de fato, que uma dificuldade dessas crianças consiste na utilização rígida de estratégias diferentes para a leitura e a escrita. Como eles argumentam, ler e escrever são atividades complexas, que envolvem o uso de várias estratégias - fonológicas, visuais, ortográficas, contextuais, etc., todas necessárias, mas algumas mais necessárias do que outras em determinados contextos.

Os autores argumentam que as crianças com atraso na leitura não apresentam apenas dificuldade em utilizar o código alfabético. Elas também parecem restringir o uso limitado que fazem dessa estratégia à escrita, utilizando uma estratégia visual para a leitura. Aqui também não encontramos uma linha divisória nítida entre essas crianças e as crianças que lêem normalmente.

De acordo com Bryant e Bradley, o mesmo fenômeno é observado, embora de forma menos acentuada, entre leitores normais no início da aprendizagem da leitura. Ou seja, inicialmente, as crianças tendem a ler visualmente e a escrever fonologicamente. Gradualmente, no entanto, elas estabelecem conexões entre a leitura e a escrita, passando a usar ambas as estratégias para as duas atividades, de acordo com as exigências do contexto. Por exemplo, elas logo compreendem que a estratégia fonológica é mais apropriada do que a estratégia visual quando se trata de ler palavras desconhecidas. As crianças com atraso na leitura, por outro lado, têm mais dificuldade em estabelecer conexões entre a leitura e a escrita, persistindo por mais tempo no uso rígido da estratégia visual para ler e da estratégia fonológica para escrever.

Bryant e Bradley não se limitam a analisar teoricamente os problemas das crianças com atraso na leitura. Eles

também apresentam sugestões práticas importantes para a prevenção e a remediação dos problemas de leitura e escrita.

Para prevenir futuros problemas de leitura e escrita, Bryant e Bradley recomendam atividades que desenvolvam a consciência fonológica da criança (por exemplo, versos com rimas, classificação de palavras de acordo com o som inicial ou final, etc.). Essas atividades não beneficiariam apenas as crianças que mais tarde poderiam apresentar problemas de leitura e escrita. Como os autores observam, quanto maior a consciência fonológica, maior a facilidade com que qualquer criança aprende a ler e escrever. Seria vantajoso, portanto, que todas as crianças tivessem acesso a esse tipo de experiência, como parte das atividades preparatórias para a alfabetização.

Por outro lado, dois métodos de ensino da leitura são especificamente recomendados para crianças com problemas de leitura e escrita. O primeiro método consiste em ensinar os sons e as letras que diferentes palavras têm em comum, simultaneamente. O segundo método é uma variante do método de Gillingham e Stillman: o professor apresenta uma palavra escrita para a criança; em seguida, o professor lê a palavra para a criança e a criança a repete; depois a criança escreve a palavra, dizendo o nome de cada letra, na medida em que a palavra é escrita.

Segundo Bryant e Bradley, os dois métodos são eficazes. A razão para o seu sucesso provavelmente deriva do fato de que ambos atacam diretamente as dificuldades da criança com atraso na leitura. Como observam os autores, o primeiro lida diretamente com a dificuldade com sons, ao mesmo tempo que ensina a fazer uma analogia entre categorias de palavras que têm uma seqüência comum de sons e categorias de palavras que têm uma seqüência comum de letras. O segundo método, por sua vez, ao enfatizar diferentes aspectos da leitura e da escrita ao mesmo tempo, auxilia a criança com atraso na leitura a estabelecer uma conexão entre as duas atividades.

Cláudia Cardoso Martins  
Professora do Departamento de  
Ciências Aplicadas à Educação -  
FAE/UFMG